
Editorial

Trajetórias, intercâmbios e aplicações das ideias geográficas

Guilherme Ribeiro, Mariana Lamego e Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1356>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1356

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Guilherme Ribeiro, Mariana Lamego e Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim, « Editorial », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 5 | 2015, posto online no dia 17 dezembro 2015, consultado o 24 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1356> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1356>

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 setembro 2020.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Editorial

Trajetórias, intercâmbios e aplicações das ideias geográficas

Guilherme Ribeiro, Mariana Lamego e Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim

- 1 O presente número da *Terra Brasilis* apresenta uma seleção dos trabalhos apresentados durante o Simpósio Internacional *Circulação das ideias e história dos saberes geográficos: hierarquias, interações e redes*, realizado no Rio de Janeiro de 16 a 20 de dezembro de 2014, por iniciativa da Comissão de História da Geografia da União Geográfica Internacional (UGI) e da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica (Rede Brasilis).
- 2 A variedade do material escolhido levou os editores a organizar o número em torno da temática “trajetórias, intercâmbios e aplicações das ideias geográficas”, fortemente representada no evento, preservando outros enfoques temáticos para compor um número adicional (*Terra Brasilis* 6), que será apresentado oportunamente. Desta forma, encontram-se aqui reunidos os trabalhos de Perla Zusman, Pascal Clerc, Laura Péaud, Federico Ferreti, Breno Pedrosa, Larissa Lira, Carlo Eugenio Nogueira, Paulo Bomfim, Mariana Lamego e Sylvain Cuyala. Percorrendo diversas épocas e lugares, essas contribuições apresentam ênfase na difusão, troca e apropriação das ideias que marcam a construção dos saberes geográficos, em diferentes contextos históricos e geográficos.
- 3 Finalmente, antes de comentar brevemente as contribuições dos autores, caberia registrar a consternação dos editores desta revista e dos integrantes da Rede Brasilis ante o falecimento, em julho deste ano de 2015, de Antonio Carlos Robert Moraes, o Tônico. Professor, orientador, autor de referência na área, companheiro de debates acadêmicos e conversas relaxadas, Tônico sempre esteve ligado à *Terra Brasilis*, seja como colaborador e entusiasta na fase impressa da revista (2000-2007), seja como figura fundamental em seu resurgimento em forma digital no ano de 2012, quando encabeçou seu Comitê Científico e a abrigou institucionalmente no âmbito do GEOPO-USP. Tais vínculos justificam plenamente a decisão dos editores em dedicar este número à memória de Tônico, abrindo espaço para sua prosa estimulante na seção “Clássicos e textos de referência”, na qual publicamos um texto pouco divulgado acerca do Barão do Rio Branco, e na seção “Documentos, mapas, imagens” publicamos registros

fotográficos de sua vida profissional e familiar, gentilmente cedidos pelo filho Martim Pelisson Moraes, que editamos com a prestimosa ajuda de Cristiane Geraldi Queiroz Moreira. A ambos manifestamos nosso profundo agradecimento. Além disso, criamos uma sessão especial composta por depoimentos sobre Tônico escritos por colegas e orientandos.

- 4 A seção de artigos tem início com o texto da conferência inaugural proferida por Perla Zusman, intitulada *No solo el reposo configura geografías. Una mirada desde el Sur sobre la movilidad de las ideas geográficas en el marco del sistema-mundo*, que tanto se enquadra no tema do trânsito das ideias aqui apontado como o desenvolve a partir de uma perspectiva cara aos organizadores do evento, que pretenderam enfatizar no eixo 1 da programação (Hierarquias: centros e periferias na história da geografia). O texto em questão aborda a construção do conhecimento geográfico considerando a centralidade das redes transnacionais e o papel da mobilidade das ideias geográficas, rompendo com a perspectiva de um nacionalismo metodológico.
- 5 Como se sabe, muitos dos estudos sobre história do pensamento geográfico concentram-se, em grande medida, em sua institucionalização universitária, ocorrida no último quartel do século XIX sobretudo na Alemanha, França e Inglaterra. Todavia, é notório o crescente interesse pela conjuntura mais ampla que precedeu e “originou” esta institucionalização: do artigo de Catherine Rhein *La géographie, discipline scolaire et/ou science sociale (1860-1920)?* à obra clássica de David Livingstone *The geographical tradition: episodes in the history of a contested enterprise* (Rhein, 1982; Livingstone, 1992), tudo indica que, ao explorarem uma abordagem mais contextual, social e política na compreensão de sua história, os geógrafos se deparam com uma sorte de agentes e de práticas bastante reveladores da difusão do conhecimento geográfico no século dezenove. É o que revelam os textos *Une pensée de la mondialité au XIXe siècle: Jules Duval et les utopies socialistes; Les premières sociétés de géographie (Paris, Berlin, Londres) entre coopération universaliste et concurrence nationale (1820-1860)*; e, de certa forma (embora seu recorte temporal seja o século XX), *Troca cultural e circulação do saber geográfico: a recepção de Elisée Reclus na Itália e na América do Sul por Luigi e Luce Fabbri (1903-2000)*, assinados respectivamente por Pascal Clerc, Laura Péaud e Federico Ferretti.
- 6 No primeiro caso, Clerc recupera o que parece ter sido a tônica do século XIX: a relação entre expansão colonial francesa e necessidade de ampliação de saberes geográficos. Saint-simoniano, imperialista e nacionalista, Jules Duval (1813-1870) encarna tal espírito atuando diretamente seja como colono (mal-sucedido) na Argélia, seja ocupando cargos de direção junto à Sociedade de Geografia de Paris. Sua visão de geografia é utilitarista, com ênfase na dimensão econômica projetada para a valorização da terra — o que guarda semelhança com a perspectiva adotada por Marcel Dubois, co-fundador dos *Annales de Géographie* (1891) e primeiro ocupante da cadeira de geografia colonial na Sorbonne em 1893 (Dubois, 1894).
- 7 No segundo trabalho, Péaud realiza instigante aproximação entre as três principais sociedades geográficas do dezenove: *Société de Géographie de Paris* (1821), *Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* (1828) e *Royal Geographical Society* (1830). Se num primeiro momento os objetivos descritos em seus estatutos de fundação privilegiavam a cooperação científica e a circulação dos saberes, ao examinar as revistas publicadas por essas sociedades vemos que na prática a situação era bastante diferente, com tais instituições tornando-se instrumentos de defesa e propagação de seus respectivos impérios. Outros aspectos de destaque são a relação das sociedades com os viajantes, a proximidade

física de suas sedes dos centros de poder (palácios, escolas e avenidas importantes) nas metrópoles imperiais e a nomeação dos espaços coloniais de acordo com os idiomas europeus, bem como três cartas mostrando as principais áreas do mundo de interesse de cada sociedade.

- 8 Por sua vez, Ferreti apresenta Luce Fabri (1903-200) — filha do anarquista italiano Luigi Fabri — e seu engajamento no tocante à divulgação do pensamento de Élisée Reclus em sua terra natal em meio ao fascismo. Sua tese, defendida na Universidade de Bolonha no ano de 1928, é peça importante no interior do pensamento de esquerda na Itália de então. Ao mesmo tempo, sua confecção expõe a rede de colaboração política e intelectual mobilizada pelos anarquistas na Europa. Obrigada a fugir exatamente por conta de perseguições políticas, ela acaba por encontrar refúgio no Uruguai, onde assume papel de relevo na difusão da obra daquele geógrafo em língua espanhola.
- 9 Afinado às abordagens que extrapolam as componentes estritamente epistêmicas nas pesquisas sobre o processo de construção do conhecimento geográfico e interessado pela trajetória intelectual de Karl A. Wittfogel, Breno Pedrosa em *Karl August Wittfogel: um geógrafo comunista na escola de Frankfurt* tece uma rica narrativa do percurso de formação deste geógrafo, reconstruindo o cenário político e intelectual no qual Wittfogel desenvolveu suas ideias e seu método de investigação tendo como base para sua interpretação sobre o oriente e o comunismo as obras de Marx e Weber.
- 10 O geógrafo francês Pierre Monbeig e suas formulações teórico-metodológicas sobre as franjas pioneiras aparecem em dois artigos do presente número. A partir de uma minuciosa pesquisa sobre sua trajetória intelectual, Larissa Lira em *A Espanha de Pierre Monbeig e o primeiro esboço do modelo das franjas pioneiras (1930-1935): um geógrafo face à mundialização*, procura demonstrar os motivos pelos quais Monbeig escolheu a Espanha como primeiro objeto de pesquisa, tendo sido nesses estudos que desenvolveu um esboço do modelo das franjas pioneiras, notoriamente consolidado durante sua estadia no Brasil entre 1930 e 1935. Já Carlos Eugênio Nogueira, em *A apropriação metodológica das frentes pioneiras na formação da Geografia Brasileira (1930-1950)*, discute a apropriação das teses de Monbeig sobre as franjas pioneiras nos trabalhos de uma primeira geração de pesquisadores formados pela USP, ao longo das décadas de 1940 e 1950, na tentativa de avaliar o alcance e a natureza do legado do geógrafo francês na prática científica da geografia brasileira.
- 11 Sobre a prática científica da geografia brasileira no século XX, a revista traz mais dois trabalhos apresentados à ocasião do Simpósio da Comissão de História da Geografia da UGI. Escrevendo sobre a ideia de planejamento na geografia brasileira, Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim, em *Conceitos e significados do planejamento na geografia brasileira e o IBGE*, procura desfazer uma equivocada leitura que toma o período de vigência da geografia quantitativa durante os anos de chumbo no Brasil como aquele em que o planejamento surge como agenda central para os geógrafos, especialmente para os que atuavam em instituições do Estado, notadamente o IBGE. Bomfim chama atenção para a interessante conexão entre a chamada geografia ‘tradicional’, de linhagem francesa, com o planejamento, traçando o que seriam algumas origens do conceito.
- 12 Mariana Lamego, por sua vez, em *Genius loci: duas versões da geografia quantitativa no Brasil*, procura qualificar as diferenças encontradas entre duas versões da geografia quantitativa brasileira, uma, praticada por geógrafos do IBGE e outra, por professores do Departamento de Geografia da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Rio Claro em São Paulo, em idos dos anos 1960. No exercício ao qual se propõe, a autora

reflete sobre o papel do lugar considerando seu potencial explicativo acerca de tais distinções.

- 13 Essa seção de artigos da Revista *Terra Brasilis* n.5 se encerra com a contribuição de Sylvain Cuyala, que assim como Lamego, também realizou pesquisa sobre a geografia quantitativa, nesse caso, em países de língua francesa. O artigo, *Mapping the sources of diffusion and the active movements of scientists by using a corpus of interviews: an experiment about the origins of theoretical and quantitative geography in French-speaking Europe* apresenta mapas da difusão do movimento quantitativista, elaborados com base em uma longa pesquisa realizada nos seus principais centros difusores na França, Bélgica, Luxemburgo e Suíça. A partir dessa pesquisa, Cuyala teceu uma rebuscada teia composta pelas histórias orais dos principais atores do movimento quantitativista na geografia de língua francesa, o que lhe possibilitou construir uma periodização desse movimento que, passados mais de cinquenta anos, permanece ativo em rincões europeus.
- 14 Por fim, resta agradecer a todos os autores que contribuíram com o número pela participação na mencionada reunião da Comissão de História da Geografia da UGI, momento especial de congregação em um dezembro carioca, e também pela paciência e gentileza com a qual atenderam às solicitações desses editores. A revista *Terra Brasilis* n. 6 dá continuidade à tarefa de divulgação desses trabalhos que esperamos que sejam de extremo proveito àqueles que se interessam pelas histórias dos homens, suas ideias, seus trânsitos e suas geografias.

BIBLIOGRAFIA

Dubois, Marcel. (1984) Leçon d'ouverture du cours de géographie coloniale. *Annales de Géographie*, n. 10.

Livingstone, David. (1992) *The Geographical Tradition: episodes in the history of a contested enterprise*. Oxford: Blackwell Publishing.

Rhein, Catherine. (1982) La Géographie, discipline scolaire et/ou science sociale? (1860-1920). *Revue française de Sociologie*, XXIII.

AUTORES

GUILHERME RIBEIRO

LAPEHGE-PPG-UFRJ

MARIANA LAMEGO

DGH-UERJ

PAULO ROBERTO DE ALBUQUERQUE BOMFIM

IFSP